



Jornal do Investidor

Edição Outubro 2022



Nosso objetivo:

Cooperado, este jornal tem como objetivo gerar conteúdo educativo e informativo sobre Economia, Finanças e Investimentos. Um dos princípios do cooperativismo é a “educação, formação e informação”. Então aproveite este material criado exclusivamente para você!

O que você verá aqui:

Na edição de outubro será abordado sobre o cenário incerto do conflito no leste europeu que ainda perdura sem a expectativa de um fim próximo, além de um comunicado feito pelo Vladimir Putin, presidente russo, sobre o recrutamento da população do país para apoiar na guerra.

Esse cenário impacta diretamente o continente europeu, que tem sofrido pela maior crise energética da história. Fato que está intrinsicamente ligado ao impulsionamento da inflação nos países que pertencem à zona do euro, forçando-os a assumirem acordos entre si para controle da reserva dos insumos de combustíveis.

Ademais, recentemente o Reino Unido criou um pacote de política fiscal, o que demonstrou aos investidores a instabilidade do governo na capacidade financeira do país. Isto trouxe uma desvalorização da libra esterlina e, pela primeira vez, foi quase equiparada ao dólar americano. Enquanto isso, os Estados Unidos permanecem firmes ao projeto de trazer a meta de estabilidade da inflação em 2% ao ano, mesmo que para isso precise tomar decisões mais duras em relação à política monetária.

No âmbito nacional, será visto o resultado do primeiro turno nas eleições presidenciais, além disso, assim como os países desenvolvidos, o assunto desafiador na reta final para o ano é a inflação acima da meta e, apesar do terceiro mês seguido de deflação, após 18 meses de altas consecutivas da Selic, a taxa básica de juros permaneceu estável.

Por fim, será abordado os principais indicadores econômicos que impactam diretamente a economia brasileira, além de sugestões de investimentos nesses cenários, para que o investidor diversifique seus investimentos, potencializando melhores retornos em cenários voláteis.



Cenário Macro Internacional:

Guerra: A guerra na Ucrânia está caminhando para o seu sétimo mês e, até o momento, não há previsão de um cessar-fogo. A Ucrânia permanece resistente em sua contraofensiva a Rússia.

Uma explosão por parte da Ucrânia danificou gravemente a única ponte que liga a Crimeia (localizada ao sul da região ucraniana e a oeste do país russo), causando um colapso na ponte mais longa da Europa, além de ser um poderoso símbolo da ocupação russa na Ucrânia.

A tensão aumentou ainda mais após o presidente russo, Vladimir Putin, fazer uma ameaça nuclear velada dizendo que estará disposto a usar todos os seus meios para defender o país. Além disso, convocou a mobilização de aproximadamente 300 mil cidadãos russos para contribuir nas operações militares na Ucrânia.

Europa: A inflação na União Europeia continua sendo o principal tópico preocupante na região. O aumento dos preços nos dezessete países que pertencem a zona do euro acelerou pela primeira vez na história para 10% em setembro referente aos últimos 12 meses, comparando com 9,1% um mês antes. A inflação foi impulsionada especialmente pela volatilidade dos preços da energia e alimentos, além de continuar a se disseminar em praticamente todas as categorias.

A inflação referente ao último mês disparou acima do esperado, reforçando as expectativas de outro aumento forte dos juros pelo Banco Central Europeu em outubro. As autoridades já defenderam outro aumento de 0,75 ponto percentual para a próxima reunião.

Os países do continente europeu são dependentes do fornecimento de combustíveis russo para a geração de energia e, com a continuação da guerra, a crise energética e a escalada inflacionária travam o crescimento econômico da região.



Uma vez que países europeus têm a maior dependência de petróleo e gás provenientes da Rússia em todo o mundo, como precaução, a Torre Eiffel, principal atração turística da França, começou a apagar as luzes uma hora antes como medida para redução do consumo. Os demais países afirmaram um acordo para conter o consumo de gás em pelo menos 15%, como prevenção de um não reabastecimento dos estoques, a fim de mitigar o corte total dos produtos.

Inglaterra: O novo pacote de política fiscal do Reino Unido, chamado de “O Plano de Crescimento 2022”, informado na última quinzena de setembro, que tem a intenção de reduzir os impostos para os cidadãos e empresas, foi avaliado pelo FMI (Fundo Monetário Internacional). O Fundo identificou que a medida seria mais benéfica para os ricos do que para a maioria da sociedade britânica, e recomendou que o governo britânico reavaliasse a iniciativa. Além de alertar sobre a possibilidade de aumento da inflação.

A falta de detalhes de como o Reino Unido iria se manter nos próximos meses alertou os investidores, e os deixaram céticos sobre a capacidade do país e a capacidade do programa serem uma solução para a crise econômica no país.

Mediante a controversa do anúncio em cortar os impostos, a libra esterlina, moeda do Reino Unido, chegou a se desvalorizar e teve o seu menor valor histórico equiparada ao dólar, desde a sua criação. Em janeiro, por exemplo, antes do início da guerra na Ucrânia, a moeda custou US\$1,40 em seu maior patamar e no final de setembro fechou a US\$1,03. Equiparando com a moeda brasileira, para o mesmo período, na sua máxima chegou a custar R\$7,76 e fechou setembro em R\$5,80.

Após esse cenário, o Banco da Inglaterra teve que intervir para evitar o colapso do mercado de renda fixa e, por essa razão, definiu sobre o aumento da taxa básica de juros antes da próxima reunião, prevista para 3 de novembro. Com as taxas maiores, a projeção de que o valor da libra volte aos patamares anteriores.

EUA: Na última reunião do Fed (Banco Central dos Estados Unidos) realizada no dia 21 de setembro, em linha com as previsões de mercado, elevou a taxa básica de juros em 0,75



ponto percentual, para uma faixa de 3% a 3,25%, sendo a quinta alta seguida no ano de 2022.

Além disso, na mesma ata, o Jerome Powell, atual presidente do Fed, e os demais diretores ressaltaram que novos ajustes em sua política monetária serão necessários para arrefecimento da inflação e comprometimento em trazer os índices para a meta de 2% ao ano.

A divulgação do Índice de Preços ao Consumidor dos Estados Unidos, equivalente ao IPCA no Brasil, no dia 13 de outubro, mostrou um avanço de 0,4%, frente a 0,1% comparando com o mês anterior. O acumulado dos últimos 12 meses encontra-se em 8,2%.

Os Estados Unidos como a maior potência econômica mundial é acompanhado com os olhos atentos pelo resto do mundo, e o resultado acima do esperado pelo mercado fortalece a posição do FED em relação ao aumento na taxa básica de juros. O próximo encontro para definição sobre a política monetária do país ocorrerá nos dias 1 e 2 de novembro.

China: O banco central da China manteve suas principais taxas de juros estáveis no dia 17 de outubro, ao contrário dos bancos centrais ocidentais. O governo chinês vem afrouxando sua postura monetária no ano de 2022, cortando os juros e liberando liquidez no sistema de financiamento para estimular uma economia chinesa em desaceleração.

Outro motivo que auxilia para a queda na atividade econômica chinesa é a crise imobiliária vivida pelo país. Os compradores de imóveis em construção na China suspenderam o pagamento de suas hipotecas inacabadas após as construtoras interromperem as obras por todo o país. No entanto, apesar dos esforços da China em sustentar o mercado imobiliário, o valor dos imóveis em muitas cidades chinesas caiu mais de 20% devido ao sentimento pessimista do setor.

Os investidores e a população chinesa estão incertos sobre as perspectivas devido à imprevisibilidade de quanto tempo as autoridades manterão a postura de "Anticovid" e o potencial custo econômico que será impactado devido à crise imobiliária que afeta o país.



Cenário Macro Nacional:

Eleição: O TSE (Tribunal Superior Eleitoral) divulgou a totalização das urnas e confirmou o segundo turno das eleições presidenciais no dia 30 de outubro.

As eleições presidenciais serão disputadas entre os candidatos Lula, que obteve 48,43% dos votos totalizando 57.259.504, e Bolsonaro, que atingiu 43,20% com 51.072.345 votos. Além disso, votos brancos e nulos foram de 3.487.874 (2,82%) e 1.964.779 (1,59%), respectivamente. A abstenção nas eleições, ou seja, a não-participação do eleitor no ato de votar, alcançou 32.770.982 e representou 20,95%.

PIB: O Fundo Monetário Nacional divulgou um relatório no dia 11 de outubro, onde revisou o crescimento da economia brasileira de 1,7% para 2,8% no ano de 2022. Caso se concretize, a expansão será acima do Relatório de Mercado Focus divulgado pelo Banco Central no dia 10 de outubro com projeção de 2,7%. Atualmente, conforme divulgado pelo IBGE, o PIB acumulado neste ano é de 2,5%.

Inflação: Diferente dos países desenvolvidos que registram aumentos na inflação, pela terceira vez consecutiva o Brasil registrou deflação. Os dados de setembro, divulgados no dia 11 de outubro pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), mostram que, no mês, houve retração geral dos preços.

O IPCA (Índice Nacional de Preço ao Consumidor) apurou deflação de 0,29%. O mercado já aguardava que o indicador viesse negativo e, mais uma vez, a redução no preço dos combustíveis foi o que mais contribuiu para conter a alta de preços no país. Dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados, quatro tiveram queda em setembro: O grupo de Comunicação (-2,08), na sequência vieram os Transportes (-1,98%), Alimentação e bebidas (-0,51%) e Artigos de residência (-0,13%).



Política Monetária: O Comitê de Política Monetária do Banco Central, após 18 meses de altas consecutivas, decidiu manter a taxa básica de juros da economia, a Selic, em 13,75% ao ano, conforme informado na última reunião ocorrida no dia 21 de setembro. Com isto, encerrou o maior ciclo de altas da história, que iniciou em março de 2021.

Conforme ata publicada no site do Banco Central, o Copom avaliará a estratégia de manutenção prolongada da Selic. Decisão embasada pelas expectativas de persistência das pressões inflacionárias globais, e pela incerteza sobre o futuro da capacidade fiscal do país. O comunicado complementa ainda que o Comitê avaliará a conjuntura, particularmente incerta e volátil, como possibilidade de reajuste residual da Selic.

Política Fiscal: Todas as políticas públicas, especialmente sobre o pagamento dos auxílios seguidos dos déficits fiscais para a redução do preço dos combustíveis, tem sido motivo de preocupação do mercado sobre o equilíbrio entre a arrecadação, gastos e manejo da dívida pública.

Caso o Brasil tenha uma dívida pública relevante, ou seja, onde os gastos superam a arrecadação, a alternativa primordial é de o governo brasileiro financiar suas atividades através da emissão de títulos públicos. Além disso, o ponto de atenção mais relevante é de que o teto de gastos vem sendo alvo de ataques de todos os lados, independentemente do próximo candidato a ser eleito presidente.

O mercado se preocupa com a política fiscal, e um dos fatores que mais contribuem para esta preocupação, é a possibilidade na emissão de moeda. Fato que poderia ocasionar descontrole da dívida pública, levando a desvalorização excessiva da moeda e ao aumento descontrolado da inflação.



Indicadores Econômicos - Brasil

SELIC: Com a decisão do Copom do Banco Central de manter a taxa Selic a 13,75% ao ano, a Selic nos últimos 12 meses fechou acumulado em 10,86%, enquanto no ano de 2022 está rentabilizando 8,85% e teve 1,07% referente ao mês de setembro.

A taxa ainda é a maior desde janeiro de 2017 nesse processo de aperto monetário quando saiu de março de 2021 a 2%, com um aumento acumulado de 11,75 pontos percentuais. O maior choque de juros desde 1999.

A próxima reunião do Copom e a penúltima do ano para definição da Selic está agendada para o dia 25 e 26 de outubro.

IPCA: Para o ano atual, a estimativa do índice de inflação oficial do país foi reduzida pela décima quinta vez após a última divulgação do Boletim Focus realizada no dia 10 de outubro. O motivo trata-se de um reflexo das desonerações realizadas pelo governo federal nos impostos especialmente dos combustíveis e energia.

O Índice Nacional de Preço ao Consumidor em setembro foi de deflação de 0,29%, enquanto o acumulado referente ao ano de 2022 encontra-se em 4,09% e para os últimos 12 meses 7,17%.

POUPANÇA: Neste mês, com a Selic cotada a 13,75% ao ano, a Poupança rentabilizou 0,50% + TR de 0,18%, totalizando 0,68% para o mês de setembro, no ano de 2022 correspondente a 5,75%, enquanto o acumulado dos últimos 12 meses foi de 6,74%.

CDI: O Certificados de Depósitos Interfinanceiro, que remunera as aplicações pós fixadas, teve um fechamento de 1,07% no mês de setembro, acumulado de 10,92% nos últimos 12 meses e 8,82% para o ano de 2022.

IBOVESPA: Assim como nos países desenvolvidos, setembro foi um mês de altas volatilidades. O principal índice da Bolsa brasileira foi na contramão das maiores economias e fechou o mês de setembro com leve alta pelo terceiro mês consecutivo aos 110.036 pontos, descolando



ainda mais das tendências vistas no exterior.

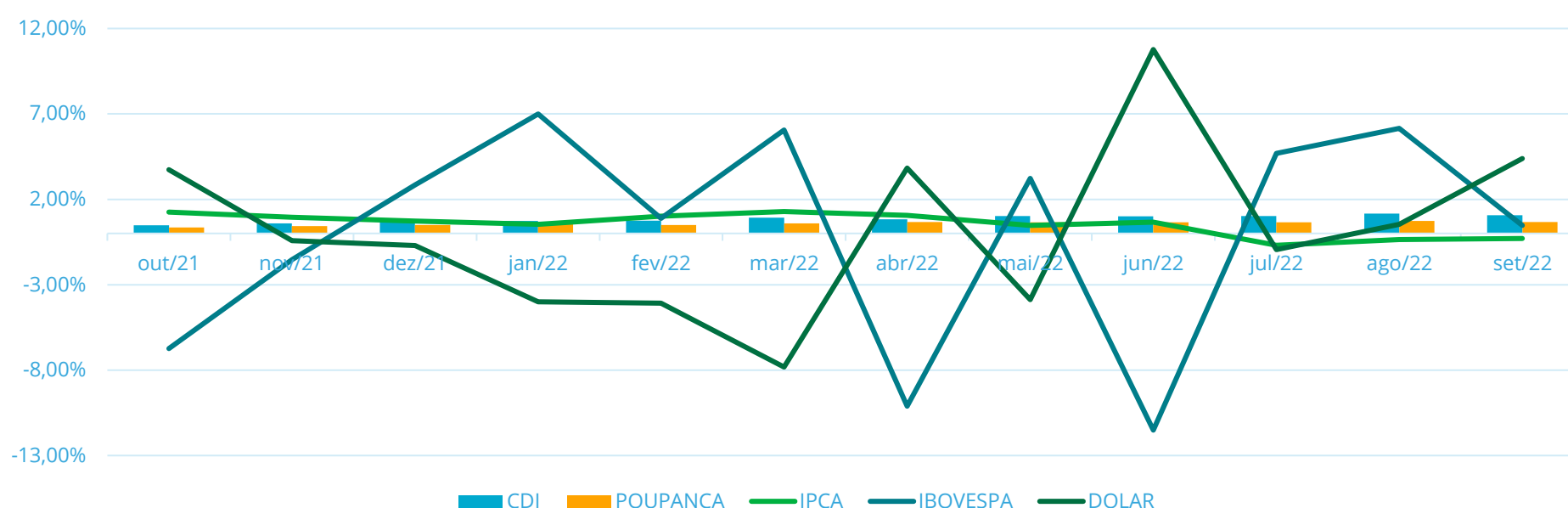
Os principais fatores que contribuíram para o Ibovespa oscilar no mês foram o risco político elevado que antecederam às eleições no país que favoreceram aos investidores a permanecerem mais apreensivos no cenário volátil de renda variável, sobretudo em posições de empresas estatais.

O fechamento do Ibovespa no mês de setembro foi de 0,47%, para o ano de 2022 encontra-se com um acumulado de 4,97%, no entanto, para os últimos 12 meses ainda permanece negativo -0,85%.

DÓLAR: No mês anterior, a moeda teve um ganho de 4,39% e com o dólar cotado a R\$5,41, porém no ano permanece com rentabilidade negativa de -3,12% e 0,60% referente aos últimos 12 meses.

O dólar foi o ativo financeiro que obteve a maior rentabilidade e o seu principal motivo é devido ao fortalecimento global da moeda, desde a primeira alta da taxa de juros básicos pelo FED em março deste ano. O receio de recessão mundial faz com que os investidores busquem por segurança em seus investimentos inclusive frente as economias desenvolvidas na zona do euro porque iniciaram agora o momento de elevação da taxa de juros.

Indicadores Econômicos nos últimos 12 meses





Onde investir neste cenário?

Mediante ao apresentado no jornal, no contexto atual de cenários incertos sobre a economia internacional e nacional, onde permanece o risco crescente para a recessão global, existem opções interessantes para investimentos em renda fixa na Cooperativa.

As aplicações em **RDC Pós-Fixado** continuam sendo boas opções principalmente neste cenário onde o Comitê de Política Monetária informou em sua última ata sobre a manutenção da Selic em patamares elevados. Ademais, ressaltou que não há previsão de redução principalmente enquanto a inflação não estiver sob controle, além de reforçar que há projeção de permanecer acima dos dois dígitos durante o próximo ano.

No contexto em que a Curva de Juros da ANBIMA já apresenta uma futura queda na taxa de juros básica após um ano, a modalidade **RDC Pré-Fixado** é uma oportunidade que se destaca para investimentos no longo prazo, além da possibilidade em saber quais são as condições de rentabilidade que já são previamente definidas no momento da aplicação.

Além disso, investimento na modalidade **RDC IPCA+**, irá trazer a garantia da rentabilidade real positiva, pois além da rentabilidade atrelada ao indicador de inflação, a modalidade conta com uma taxa fixa adicional que são fundamentais neste cenário que, apesar do terceiro mês seguido de deflação devido a isenção de impostos ligados aos combustíveis já esperados pelo mercado, em breve poderá deixar de ser uma realidade.

As aplicações em **Poupança e Aplicação Programada** são recomendadas para formação de reserva de emergência para eventuais imprevistos e, por outro lado, também pode ser direcionado para oportunidades futuras.

Investir não precisa ser difícil e nem arriscado. A Cooperativa tem à sua disposição opções de investimentos com valores de verdade, que proporcionam segurança financeira e rentabilidade acima da média de mercado. Consulte o especialista de investimento da sua Cooperativa.